

resenhas

texto, som, imagem, hipermídia





Como as linguagens significam as coisas

ANA MARIA GUIMARÃES JORGE

Teoria Geral dos Signos. Como as Linguagens Significam as Coisas de Lucia Santaella. São Paulo: Pioneira, 2000 (2ª. ed).

A semiótica peirceana é, antes de tudo, uma teoria sîgnica do conhecimento, que desenha, num diagrama lógico, a planta de uma nova fundação para se repensar as eternas e imemoriais interrogações acerca da realidade e da verdade.

LUCIA SANTAELLA

Há obras que carregam em suas tramas relacionais uma capacidade de pontuar e de sintetizar idéias de modo díspar — como é o caso desta —, apresentando ao leitor um gradativo desvelamento de hologramas esquemáticos, representantes de princípios lógico-conceituais, que refletem em suas configurações amalgamadas a sintaxe dinâmica de um conjunto teórico sistemático.

O livro *A Teoria Geral dos Signos – Semiose e Autogeração* (1995), exhibe em sua segunda edição o título *Teoria Geral dos Signos – Como as Linguagens Significam as Coisas*, reapresentando-se na íntegra ao leitor. Para a segunda edição, Lucia Santaella elabora uma breve apresentação sobre a importância da proliferação de signos em sistemas hipermediáticos, condensadores de hipersignos.

Essa obra apresenta como proposta a exposição de aspectos teóricos da Semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914), que figura apenas como uma parte de sua extensa obra. Dentro da própria Semiótica e dentre seus três ramos (Gramática

Especulativa, Lógica Crítica e Retórica Especulativa), foi selecionado somente o primeiro, que finda estudar os signos em todas as suas modalidades. Grande parte dos estudos sobre o conceito peirceano de signo está restrita à descrição das três tricotomias (quali, sin e legi-signo; ícone, índice e símbolo; rema, dicente e argumento). A autora se dedica, então, à explanação dos aspectos lógicos inerentes as outras sete tricotomias, com a finalidade de oferecer uma melhor visualização da amplitude lógica do ininterrupto processo sógnico.

Quanto ao que foi intencionado como proposta, Lucia Santaella vai dizer: *"enfim, trata-se aqui tão-só e apenas de tentar compreender a lógica do signo e seus mecanismos de engendramento, misturas e multiplicação, com toda a perfeição possível"*, havendo a intenção de evidenciar todos os possíveis processos de comunicação, independentemente de tipo, de ordem, ou de espécie, ou estejam eles se dinamizando no universo da biodiversidade, no biossociológico das humanidades, no fluídico de ciberespaços movidos por hiperfídias. Noutros termos, a autora vai dizer que a definição triádica de signo, formulada por Peirce, apresenta a possibilidade de explicitar tanto as possíveis implicações pertinentes aos fundamentos filosóficos, quanto o potencial lógico para a aplicação de conceitos semióticos.

Trata-se, então, de uma obra que se propõe ao deslindamento das interdependências lógico-hierárquicas que definem a amplitude do conceito de signo, na obra peirceana. Desse modo, antes mesmo de expor a estrutura dos capítulos no item Introdução, a autora faz refletir, de modo indireto, sobre questões acerca do "real", da referência, do sujeito, do papel da representação e da interpretação, segundo princípios filosóficos imanentes à obra de Peirce. Com isso, nota-se a finalidade de estabelecimento de um diálogo com o leitor a partir de uma base comum para a compreensão das acepções terminológicas que fundamentam os conceitos mais elementares da obra peirceana, como é o caso do signo em relação às categorias, dos interpretantes em relação aos objetos, e assim por diante.

Para estabelecer uma definição geral de signo, a autora versa sobre as gradações de sentido inerentes ao próprio conceito, seguida de uma exposição prolongada de cada entidade conceitual que compõe a tríade semiótica – signo-objeto-interpretante – findando, segundo as palavras da autora, *"proceder-se ao exame dos diferenciados tipos de signos, das suas misturas, seus modos de significar, denotar, conotar, nascer, crescer, tudo isso à luz, então, de uma pluralidade de exemplos para trazer os conceitos para mais perto da experiência e do nosso convívio cotidiano"*. Ao dizer que o mundo é sógnico, a autora justifica todo o processo auto-gerativo da semiose, no qual *"a ação do signo, que é a ação de ser interpretado, apresenta com perfeição o movimento auto-gerativo, pois ser interpretado é ge-*

rar um outro signo que gerará outro, e assim infinitamente, num movimento similar ao das coisas vivas".

Na Introdução, Santaella faz uma breve apresentação da Fenomenologia e das categorias peirceanas, utilizando os quatro capítulos do livro à exposição detalhada dos componentes do signo. O diagrama que configura o seu esforço de apresentação da lógica inerente à Semiótica peirceana – que incorpora também uma lógica triádica –, assim pode ser representado:

QUADRO 1

Capítulo I – Do Signo <i>A forma ordenada de um processo</i>		
O fundamento do signo	O caráter vicário do signo	A função mediadora do signo
Capítulo II – Do Objeto		
A complexidade do objeto	Modalidades do objeto dinâmico	A tríade perceptiva
Capítulo III – Do Interpretante		
O interpretante como terceiro	As divisões do interpretante	Uma segunda classificação do interpretante
Capítulo IV – O Signo Revisitado <i>Amplitude da noção de signo</i>		
Quali, sin e legi-signos	Ícone, índice e símbolo	As tricotomias dos interpretantes

No capítulo I, a autora aclara a definição peirceana de interpretante cujo sentido terminológico tem sofrido versões equivocadas, o que faz reduzir o conceito de signo a algo que representa algo para alguém. Assim, Santaella expõe no decurso argumentativo dessa questão as convergências e as divergências conceituais entre interpretante e interpretação; bem como, fornece as bases para o entendimento da relação triádica do conceito de representação e de semiose.

No capítulo II, também muitas das citações são retiradas dos manuscritos inéditos de Peirce e utilizadas para aclarar as possíveis inter-relações dos objetos dinâmico e imediato no processo lógico da semiose, em específico a relação entre objeto e interpretante como sendo sempre mediada pelo signo. A autora define o processo de semiose "*como continuidade infinita de signos se desenrolando em signos*", sendo que a inserção do objeto imediato "*como uma outra inevitável mediação entre signo e objeto estabelece uma cadeia regressiva de signos do lado do objeto, assim como uma cadeia progressiva de signos do lado do interpretan-*

te", formando "elos contínuos da linguagem". A partir daí, são evidenciados os imbricamentos lógicos entre objeto do signo e percepção; assim como, considera-se que o "julgamento crítico é uma função do interpretante do signo", e que os objetos dinâmico e imediato são "condições pressupostas para a interpretação".

No capítulo III, as três divisões da teoria peirceana do interpretante são exploradas de modo detalhado, com o auxílio de J. D. Johansen (ver pp. 67-68), sendo desse modo definidas:

- com relação à extensão e profundidade do símbolo;
- à divisão triádica do interpretante em imediato, em dinâmico e em final (dando margem à exposição da segunda divisão dos interpretantes: o emocional, o energético e o lógico);
- ao lugar do interpretante num processo de comunicação. Aqui a autora explicita a coerência lógica do signo genuíno aliada a do interpretante rumo ao interpretante final.

No capítulo IV, a intenção de revisitar o signo leva, de um lado, à focalização dos signos degenerados, das misturas sígnicas e das classificações dos signos; de outro, recobre o sentido mais amplo do processo semiótico, o de se autogerar em novos interpretantes e em diversificadas possibilidades interpretativas. A última frase desse livro se abre em possibilidades associativas, dando espaço a novos signos, uma vez que ao fim da Introdução é que a autora concluirá, de modo provisório: "*a semiótica peirceana é uma teoria lógica e social do signo*" [...] "*A objetividade do interpretante é, por natureza, coletiva*" [...] "*A semiose não é antropocêntrica*" [...] "*Semiose ou auto-geração é, assim, também sinônimo de pensamento*".

O leitor poderá encontrar no livro intitulado *Semiótica*, da série Bibliografia Comentada (Experimento), de Lucia Santaella e Winfried Nöth, uma resenha da obra *A Teoria Geral dos Signos – Semiose e Auto-geração*, fato esse que exige desta proposta de resenha a tentativa de não restrição ao que já foi tão bem pontuado, o que neste caso só é possível se houver, de um lado, ampliação do universo descritivo; de outro, fuga dele.

ANA MARIA GUIMARÃES JORGE é professora da Unitaú-SP e doutoranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.